



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS VI**  
**COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E**  
**LITERATURAS**

**IDEALIZAÇÃO DO AMOR NA POESIA EM LÍNGUA PORTUGUESA E NO**  
**CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO: TRADIÇÃO, RUPTURAS,**  
**DESCONTINUIDADES**

**CAETITÉ**  
**2022**

**JOYCE NÁRLITA COSTA MAGALHÃES**

**PLATONISMO E IDEALIZAÇÃO DO AMOR NA POESIA EM LÍNGUA  
PORTUGUESA E NO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO: TRADIÇÃO,  
RUPTURAS, DESCONTINUIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do campus VI da Universidade do Estado da Bahia como pré-requisito parcial para obtenção do título curso de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos.

**CAETITÉ  
2022**

**JOYCE NÁRLITA COSTA MAGALHÃES**

**PLATONISMO E IDEALIZAÇÃO DO AMOR NA POESIA EM LÍNGUA  
PORTUGUESA E NO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO: TRADIÇÃO,  
RUPTURAS, DESCONTINUIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do campus VI da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovado em 23/08/2022.

**Banca Examinadora**

---

**Prof. Dr. Ricardo Tupiniquim Ramos**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Orientador

---

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Denise Neves**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Examinadora

---

**Prof.<sup>a</sup> Esp. Rozânia Magalhães**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo amor e pela misericórdia derramada sobre a minha vida, bem como por iluminar minha mente nos momentos difíceis, dando-me força e coragem para seguir.

À minha mãe Norma, que me ensinou as primeiras letras, fazendo com que eu tomasse gosto pelos estudos. Através de suas dificuldades ela me mostrou a importância que a educação tem na vida das pessoas, como forma de libertação intelectual.

Agradeço ao meu pai José, meus irmãos Gilvan, Jackson e Pedro por todo carinho e paciência, sempre me apoiaram, incentivaram e estiveram comigo nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto dedicava à realização desse trabalho.

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus familiares, que de alguma forma sempre levaram positividade, de modo especial, a minha tia e madrinha America e minha prima Alba Valéria, pessoas que tocaram meu coração para iniciar a graduação em Letras Língua portuguesa e literatura.

É claro que não posso esquecer das minhas amigas, em especial Iasmine, Hermony e Lândia, presentes que a Universidade do Estado da Bahia me concedeu, companheiras de todos os momentos e com certeza levarei por toda vida. Gratidão por todas as gestos, conhecimentos e palavras a superar todas as dificuldades.

Sou grata a meu amor, Thales Franklin, pela dedicação oferecida, pelos momentos de companheirismo, pelo incentivo, cobranças diárias e pela compreensão aos momentos de ausência.

Não posso deixar de agradecer a Universidade do Estado da Bahia por ser um espaço que privilegia o conhecimento e onde todas as ideias são bem recebidas.

Aos professores reconheço um esforço gigante com muita paciência e sabedoria. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias.

Também devo registrar minha gratidão, ao meu orientador Dr. Ricardo Tupiniquim, por me mostrar o caminho e nunca facilitar minha caminhada, me preparando para a longa jornada que se inicia a partir deste trabalho; por toda a paciência e também pela falta dela nos momentos necessários, por sua dedicação incondicional ao trabalho e aos alunos.

A concretização desse trabalho se deve à ajuda fundamental dessas pessoas, sem elas nada disso seria possível, à todos eles os meus mais sinceros agradecimentos.

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”. (Marthin Luther King)

MAGALHÃES, Joyce Nárlita Costa. **Platonismo e idealização do amor na poesia em língua portuguesa e no cancioneiro popular brasileiro: tradição, rupturas, descontinuidades.** 2022. 44 f. TCC: Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas. Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Caetité, 2022.

**RESUMO:** Na cultura ocidental, desde os gregos, trata-se do amor, sobretudo nas artes, como um sentimento que ultrapassa o tempo de vida dos próprios amantes; portanto, como um sentimento eterno. Em língua portuguesa, esse é um tema recorrente desde pelo menos, o Renascimento, sendo cultivado em diversos gêneros poéticos ou prosaicos, bem como no cancioneiro popular. As poesias que representam da melhor forma o amor são dos escritores Luís de Camões com “Alma minha gentil, que te partiste” e “Amor é fogo que arde sem se ver”; Vinícius de Moraes com “Soneto de amor total”, “verbo no infinito”, “Eu sei que vou te amar” e “soneto de felicidade”; Antônio Feliciano de Castilho “o acalantar da neta- Xácara”, Soares de Passos “O noivado do sepulcro-Balada” Renato Russo em “Monte Castelo” de. Todos os textos apresentados retratam o amor romântico idealizado, que ultrapassa a lei da vida para continuar amando. Nas canções “Romance de uma caveira” de Alvarenga, Ranchinho, Chiquinho Sales e “Coveiro Raimundo” de Naldinho, essa representação vem com Viés humorístico, o amor eterno é abordado de forma descontraído e engraçado, os amantes vivem o romance após a morte, como defuntos.

**Palavras-chave:** Amor eterno. Poesia. Música. Tradição. Ruptura. Humor. Língua portuguesa.

MAGALHÃES, Joyce Nárlita Costa. **Platonism and the idealization of love in Portuguese-language poetry and in the Brazilian popular music: tradition, ruptures, discontinuities.** 2022. 44 f. Final Composition: Graduation Teachers' Training Course on Portuguese Language and Literature. Department of Human Sciences, State University of Bahia, Caetité, 2022.

**ABSTRACT:** In Western culture, since the Greeks, love, especially in the arts, has been treated as a feeling that goes beyond the lifetime of the lovers themselves; therefore, as an eternal feeling. In Portuguese, this is a recurring theme since at least the Renaissance, being cultivated in several poetic or prosaic genres, as well as in the popular songbook. The poems that best represent love are by the writers Luís de Camões with “Alma minha gentil, que te partiste” and “Love is fire that burns without seeing itself”; Vinícius de Moraes with “Sonnet of total love”, “verb in infinity”, “I know that I will love you” and “sonnet of happiness”; Antônio Feliciano de Castilho” the nurturing of his granddaughter- Xácara”, Soares de Passos “The engagement of the sepulcher-Ballad” Renato Russo in “Monte Castelo” by. All the texts presented portray idealized romantic love, which goes beyond the law of life to continue loving. In the songs “Romance de uma skull” by Alvarenga, Ranchinho, Chiquinho Sales and “Coveiro Raimundo” by Naldinho, this representation comes with humorous bias, eternal love is approached in a relaxed and funny way, lovers live the romance after death, like dead.

**Keywords:** Eternal love. Poetry. Song. Tradition. Break. Humor. Portuguese language.

## LISTA DE QUADROS

	p.
Quadro 1: Componentes de SIP, seus temas norteadores e o recorte de cada artigo produzido .....	6
Quadro 2: Textos selecionados, sua procedência, autor(es) e fontes de citação ao longo deste trabalho .....	7
Quadro 3: Os diferentes sentidos de amor em português e em Latim .....	10

# SUMÁRIO

	p.
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>9</b>
2.1 O amor e seus múltiplos sentidos; idealização e eternidade .....	9
2.2 Relações entre literatura e música, poesia e canção popular .....	13
<b>3. PLATONISMO E IDEALIZAÇÃO DO AMOR NA POESIA EM LÍNGUA PORTUGUESA E NO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO .....</b>	<b>17</b>
3.1 A eternidade do amor na lírica camoniana: tradição fundante e sua atualização .....	17
3.2 A eternidade do amor no cânone da poesia romântica portuguesa: “O acalantar da neta” e “O noivado no sepulcro” .....	22
3.3 “Infinito enquanto dure”: idealização do amor, sem eternidade – ruptura e descontinuidade na poesia lírica de Vinícius de Moraes.....	31
3.4 Amor e humor no canção popular brasileiro.....	37
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>

## REFERÊNCIAS

# 1. INTRODUÇÃO

Ao longo da vida, com base em variados interesses, motivações e sentimentos, o ser humano estabelece inúmeros relacionamentos, de diversos tipos, construindo os seus caminhos. Entre os principais desses sentimentos, podemos citar o amor, em suas diferentes faces: amor materno, amor fraterno, amor filial, amor romântico, amor à pátria etc. Apesar de, no cotidiano, experimentarmos essas várias manifestações de amor, os sentidos dicionarizados da palavra recobrem um amplo espectro semântico.

Contudo, desde os antigos gregos, as artes ocidentais tratam o amor – sobretudo o amor romântico, de caráter sensual –, como um sentimento para além do tempo de vida dos próprios amantes, portanto, como algo eterno. Em poesia língua portuguesa, essa perspectiva é recorrente desde pelo menos o Renascimento, sendo cultivada em diversos gêneros poéticos ou prosaicos, bem como no cancionero popular.

Este trabalho sintetiza os resultados de pesquisa desenvolvida ao longo do curso de Letras, nos vários componentes de Seminários Interdisciplinares de Pesquisa, a partir de cujos temas norteadores recortamos propostas para artigos diversos, conforme o quadro abaixo:

**Quadro 1: Componentes de SIP, seus temas norteadores e o recorte de cada artigo produzido**

SIP	TEMA NORTEADOR	RECORTE DO ARTIGO
1	Linguagem e Significado	A palavra “amor” – uma perspectiva histórica e comparativa
2	Linguagem e Ideologia	Ideologia e amor na tragédia renascentista: “Romeu e Julieta”
3	Múltiplas Linguagens	“Romeu e Julieta” – da tragédia renascentista ao cinema contemporâneo (1968 e 1996) <sup>1</sup>
4	Linguagem e Sociedade	Amor, tragédia e humor no cancionero popular brasileiro
5	Linguagem e História	Recorrência do elemento trágico em narrativas de amor na literatura ocidental: “Píramo e Tisbe”, “Romeu e Julieta”, “Amor de Perdição” <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Originalmente, “Romeu e Julieta” é uma tragédia escrita pelo dramaturgo inglês William Shakespeare (1546-1616) entre 1591 e 1595. Desde então montada incontáveis vezes em diversos palcos ao redor do mundo, a peça teve pelo menos três adaptações para o cinema, duas no século passado – ZEFFIRELLI (1968) e LUHRMANN (1996) –, uma neste (CARLEI, 2013), além de outra para o cinema de animação – ASBURY (2011).

<sup>2</sup> “Píramo e Tisbe” é uma lenda babilônica narrada por alguns escritores romanos, base para a criação shakespeariana da tragédia dos amantes de Verona. De 1862, “Amor de Perdição” é um romance do escritor português Camilo Castelo Branco (1825-1890).

Com base nessa trajetória de pesquisa, nos SIP 6 e 7 – cujos trabalhos finais deveriam ser, conforme ementário do curso, respectivamente, o projeto de pesquisa de TCC e sua Revisão de Literatura – propusemos como objeto de estudo alguns recortes da representação do amor e de seu caráter eterno na poesia em língua portuguesa e no cancionero popular e humorístico brasileiro, temática tratada por um viés qualitativo via técnicas da Análise Literária.

Nesse sentido, questiona-se: como e por meio de que gêneros a poesia em língua portuguesa vem tratando o tema do amor e de seu caráter eterno e que estratégias de construção textual vêm sendo utilizadas na atualização dessa concepção, inclusive pelo cancionero popular brasileiro?

Nosso *corpus* de análise inclui os textos abaixo indicados, com seu(s) respectivo(s) autor(es) e a fonte usada para sua citação:

**Quadro 2: Textos selecionados, sua procedência, autor(es) e fontes de citação ao longo deste trabalho**

procedência	autor(es)	título	Fonte
poesia em língua portuguesa	Luís de Camões (1524-1579)	Alma minha gentil, que te partiste	
		Amor é fogo que arde sem se ver	
	Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875)	O acalantar da neta	
	Soares de Passos (1826-1860)	O noivado no sepulcro	
	Vinícius de Moraes (1913-1980)	Soneto do amor total	
		Soneto de fidelidade	
Eu sei que vou te amar			
cancioneiro popular brasileiro	Alvarenga (1912-1978), Ranchinho (1912-1996) e Chiquinho Sales (1909-?)	Romance de uma caveira	
	Anônimo	Coveiro Raimundo	
	Renato Russo (1960-1996)	Monte Castelo	

A pesquisa cujos resultados aqui apresentamos teve três etapas:

**1ª etapa: pesquisa bibliográfica** – composta das seguintes atividades:

a) leitura, fichamento e articulação de informações presentes em textos teóricos diversos, acerca dos seguintes temas: as diferentes concepções sobre o amor na cultura ocidental e sua representação na literatura, em geral, na poesia, em especial, sobretudo, a referente à eternidade desse sentimento; gêneros literários, sobretudo os da poesia lírica; intertextualidade; relações entre literatura e cancionero popular, entre ambos e o humor; a temática

amorosa na obra dos autores do conjunto de textos integrantes de nosso *corpus*;

b) redação da primeira versão da Revisão de Literatura – trabalho final apresentado ao SIP 7 –, posteriormente modificada até ganhar a forma atualizada neste trabalho.

**2ª etapa:** coleta de dados, mediante as técnicas da Análise Literária, tipo de pesquisa documental que toma o texto literário como um documento histórico inscrito num tempo-espaço específico, ao mesmo tempo, portador e atualizador de tradições enunciativas caras a esse próprio contexto gerador, mas diferenciado pela experiência individual do indivíduo autor. Entre os elementos coletados no *corpus* poético e melopoético selecionado, destacamos:

- as imagens e conceitos propostos para o amor, a pessoa amada, a condição do ser amante;
- as imagens e alegorias usadas para a indicação da eternidade do amor;
- as estratégias de intertextualidade;
- os recursos de humor e seu propósito na abordagem a um tema que, devido ao caráter sério, ele aparentemente não se prestaria a tratar.

**3ª etapa:** interpretação desses dados mediante a articulação da teoria lida na primeira etapa à percepção das relações entre eles.

De tudo isto, emerge o presente trabalho, composto desta seção introdutória, da Revisão de Literatura que a ela se segue, da seção de Análise e Interpretação de Dados e das Considerações Finais. Nos anexos, apresentamos todos os textos integrantes do *corpus*, conforme as lições citadas.

Boa leitura!!

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 O amor e seus múltiplos sentidos; idealização e eternidade

Ao longo da vida, com base em variados interesses, motivações e afeições – “a afeição é uma das necessidades psicológicas básicas do indivíduo” (OLIVEIRA, 2005, p. 135) –, a pessoa estabelece inúmeros relacionamentos, de diversos tipos, construindo seus caminhos. Entre os principais sentimentos, está o amor, entendido como “uma afeição profunda em relação a uma pessoa que passa a fazer parte do mundo físico e espiritual de quem ama” (idem), dotada de diferentes faces: amor materno, amor fraterno, amor filial, amor romântico, amor à pátria etc. Ainda conforme aquele estudioso, embora explicável por processos de aprendizagem, nasce o homem com uma predisposição cerebral para o amor, este, “encarnado em outra pessoa, está fora do corpo de quem ama (a não ser que este seja narcisista)”, pertencendo única e exclusivamente à pessoa amada.

A despeito de, no cotidiano, vivermos aquelas diversas manifestações de amor (materno, fraterno, filial, romântico, à pátria etc.), os sentidos dicionarizados da palavra recobrem um amplo espectro semântico. Ora, palavras como essa têm uma história tão interessante que vale a pena contá-las por serem parte da própria história, ajudando-nos a entender melhor o mundo.

No étimo latino, a palavra amor era verbo com sentido passivo: *amor* ‘eu sou amado’, passando a indicar, como nome, ‘a qualidade de ser amado’. Para Garcia (2001, p.74), “será a influência germânica, com sua sociedade que valorizava bem mais as mulheres que a romana, que transformará o sentido da palavra amor em ativo, indicando o sentimento de amar”.

Além dessas diferenças formais entre o latim *amor* e o português amor, assinaladas ao longo da história de desenvolvimento daquele em direção a este, os dicionários das duas línguas informam diversos sentidos para cada vocábulo, sentidos esses não necessariamente coincidentes. Assim, em cada língua, a lexia apresenta variação semântica e, na passagem de uma para outra, há registros de conservação e mudança. Vejamos a forma latina:

A palavra **amor** (do latim *amor*) presta-se a múltiplos significados na língua portuguesa. Pode significar afeição, compaixão, misericórdia, ou ainda, inclinação, atração, apetite, paixão, querer bem, satisfação, conquista, desejo, libido, etc. O conceito mais popular de amor envolve, de modo geral, a formação de um vínculo emocional com alguém, ou com algum objeto que seja capaz de receber este comportamento amoroso e enviar os estímulos sensoriais e psicológicos necessários para a sua manutenção e motivação. É tido por muitos como a maior de todas as conquistas do ser. (CARVALHO, 2004, p.55)

O quadro abaixo apresenta os sentidos de amor listados em dicionários de língua latina (Editora Porto, 2000; Silva e Montanger, 2007; Souza, 1984; Torrinha, 1942) e portuguesa (Ferreira 1999; Houaiss, 2001), disponíveis para a consulta. Nele, fica fácil perceber os aspectos de variação interna de cada sistema e de mudança semântica da antiga língua clássica para a moderna:

**Quadro 3: Os diferentes sentidos de amor em português e em latim**

SENTIDOS DE AMOR, IS	SENTIDOS DE AMOR
1. sentimento que nos impele para o objeto dos nossos desejos. 1.a. predileção ou gosto por algo.	1. inclinação ou apego profundo a algum valor ou a algo que proporcione prazer, entusiasmo, paixão.
2. paixão, desejo, atração sexual. 2.a. amor (lícito ou ilícito)	2. atração baseada no desejo sexual; afeição e ternura sentidos por amantes; 2.a. amor passageiro e sem consequência, aventura amorosa; capricho
3. amizade, afeto, afeição.	3. forma de interação psicológica ou psicobiológica entre pessoas, seja por afinidade imanente, seja por laços de consanguinidade, seja por formalidade social; zelo, dedicação; fidelidade.
4. caridade, benevolência	4. caridade, filantropia
5. objeto de amor, pessoa amada.	5. pessoa ou coisa amada ou apreciada.
6. ambição.	6. ambição, cobiça.
7. Cupido, o amor (o deus), filho de Vênus.	7. Cupido 7.a. Cada uma das divindades infantis subordinadas a Vênus e a Cupido
8. termo de carinho.	8. termo de carinho. 8.a. galanteios, expressões amorosas.  9. devoção ou comunhão íntima de uma pessoa ou um grupo de pessoas por um ideal concreto ou abstrato, interesse, fascínio, entusiasmo, veneração, com ou sem conotação religiosa. 9.a. adoração, veneração, culto, devoção afetuosas devida a Deus por suas criaturas: amor a Deus.

Comparando os dados do quadro, percebemos que:

- alguns sentidos latinos foram totalmente conservados em português: ‘paixão, desejo, atração sexual; ‘amizade, afeto, afeição’; ‘caridade, benevolência’; ‘objeto de amor, pessoa amada’; ‘ambição’; ‘Cupido, Amor (o deus), o filho de Vênus’; ‘termo de carinho’;

- um sentido latino (‘amor ilícito’) foi parcialmente conservado no português, na medida que, em nossa cultura, até recentemente, aventuras amorosas e amores passageiros, inconsequentes, eram considerados ilícitos, sofrendo, inclusive, sanções sociais e penais, caso pelo menos um dos envolvidos fosse casado (aspecto alterado em suas implicações jurídicas) ou menor (aspecto conservado quanto àquelas implicações);

- um sentido especializado latino (‘predileção ou gosto por algo’) fundiu-se ao seu genérico (‘sentimento que nos impele para o objeto dos nossos desejos’), passando a expressar um único conceito em português (‘inclinação ou apego profundo a algum valor ou a algo que proporcione prazer, entusiasmo, paixão’), num caso de mudança semântica por generalização;

- sentidos especializados do português (‘cada uma das divindades infantis subordinadas a Vênus e a Cupido’ e ‘galanteios, expressões amorosas’) têm origem nos sentidos genéricos latinos (‘Cupido’ e ‘termo de carinho’, respectivamente).

- a forma portuguesa apresenta um significado com dois sentidos (um genérico, outro específico), ausentes na latina, cujo surgimento se deve ao emprego metafórico ou metonímico da palavra, ou seja, de seu uso, respectivamente, por semelhança ou contiguidade, no lugar de outra. Vejamos: o latim expressava a ‘devoção ou comunhão religiosa’ por *pietas, tatis* (fonte da lexia portuguesa  **piedade**  ‘comiseração, pena’); dada à semelhança entre os sentimentos expressos, *amor, is* passou a designar o mesmo conceito de *pietas, tatis*, transmitido e aos poucos generalizado em português, chegando aos sentidos inovadores em relação aos latinos.

Além desses significados, a palavra apresenta inúmeros sentidos, associados – pelo senso comum ou pelas perspectivas intelectuais (religiosa, filosófica, científica etc.) – ao longo do tempo. Assim, por exemplo, embora

nem sempre correspondesse às práticas sociais – dada a recorrência de casamentos arranjados por conveniências políticas e/ou econômicas –, na cultura ocidental, o amor romântico sempre foi considerado a base para a escolha conjugal e o casamento, entendido, desde então, como “o lugar da felicidade e da harmonia” (SCHPUN, 1996, p. 182), instituição responsável pela legítima união dos amantes e constituição da família, fruto do amor verdadeiro.

A maior ênfase social recai no chamado amor romântico – o baseado no desejo sensual entre os amantes – idealizado como algo incomparável, único. Uma vez frustrada essas expectativas, há um abalo emocional conhecido como desilusão amorosa, entendida como a pior parte de amar:

[...] o idealizador vive no mundo de fantasias, projetando, imaginando um desejo inatingível. Uma pessoa com essas características tende a se tornar frustrada com o passar do tempo, principalmente quando se depara com circunstâncias diferentes daquelas que projetou, por não saber lidar com elas. No final, pode se tornar uma pessoa cética, ou seja, descrente de tudo. (TERCEIRA CIVILIZAÇÃO, 2006, p. 41)

Barros e Silva (2002) lembram que Freud denomina *Verliebtheit*, ‘paixão amorosa’, uma emoção que domina o sujeito sem o controle da razão, podendo chegar ao excesso de uma transgressão legal ou de uma perversão moral. Como qualquer paixão encerra uma ilusão de completude, sua possível perda pode levar a passagens ao ato de diferentes graus de destrutividade: “Tanto na clínica como na vida cotidiana se constata a presença de manifestações de excesso na dialética pulsional e que se apresentam de modo inversamente proporcional a uma resolução simbólica” (ZALCBERG, 2008, p. 146).

Ora, já entre os antigos gregos, as artes tratam o amor – sobretudo o romântico –, como algo idealizado e, por isso mesmo, chamado platônico, termo originado nas ideias do filósofo grego Platão, expostas no livro VII da obra “A República”, no conhecido “mito da caverna”. Segundo o pensador, haveria dois mundos – o real, próprio dos fenômenos, acessível aos sentidos, ilusório e cópia imperfeita de um mundo ideal (TRINDADE, 2014), de essências imutáveis, ideias perfeitas, supremo bem e beleza, só atingível ao homem por meio da contemplação (TERCEIRA CIVILIZAÇÃO, 2006, p. 42). Concretizado, o amor platônico sobreviveria além do tempo de vida dos próprios amantes, um

sentimento, portanto, eterno; seria essa eternidade o espaço-tempo de sua realização, caso proibida e impedida nesta vida.

Por sua vez, a literatura lança um olhar idealizado sobre o amor e a pessoa amada desde a poesia tradicional árabe, com reflexos já nas cantigas trovadorescas (SILVA NETO, 1957). Em língua portuguesa, a perspectiva idealizada do amor, em si, é recorrente desde pelo menos o Classicismo da Era Moderna, sendo cultivada em diversos gêneros poéticos ou prosaicos, bem como no cancionero popular.

## **2.2 Relações entre literatura e música, poesia e cancionero popular**

Dessa forma, a literatura torna-se uma das formas mais próximas da vida, e inclui o processo criativo da ficção, a música, a estrutura melódica das frases, a pintura, no processo de representação dos personagens. Ela como arte representa o homem em seu lugar físico e sua cultura. A literatura, no entanto, é resultado de uma série de efeitos comunicativos que abrem horizontes para a verdadeira configuração dos estímulos experienciais.

Nestas artes, a literatura e a música, embora interatuantes, mas também áreas de análise específicas, têm um enorme valor de construção histórica. Por outro lado, os dois trabalham juntos e ocupam células adjacentes do esquema e estão, portanto, unidos por um ponto de vista estrutural:

A relação entre elas, música e literatura, no entanto, é mais profunda, pois, sendo a voz humana o mais primitivo instrumento musical, a música surgiu do canto e, no canto, o conteúdo é a poesia declamada melodiosamente. Ao produzir instrumentos musicais, o homem procurou imitar a voz. Só numa etapa posterior surgiu a música absoluta, isto é, completamente dissociada de qualquer mensagem literária. (RUCKERT, ano, p.1)

Essa relação entre literatura e música tem tudo a ver com a percepção da poesia e do som, por meio do qual para compor uma música deve haver o ritmo e o som da poesia, que também pode ser encontrado no gênero de composição conhecido como "poesia sinfônica":

No poema sinfônico o compositor procura expressar por meio de sons, o conteúdo de uma obra literária, de um quadro pictórico ou, mesmo, de uma ideia filosófica. As apresentações desses poemas

em salas de concerto são acompanhadas de um programa explicativo do tema desenvolvido, relacionando as partes musicais correspondentes a cada trecho. (RUCKERT, ano, p.8)

Há muita afinidade entre essas duas artes, sendo a literatura, responsável ao longo de toda a história da música, a fonte influente de grande parte da criação musical, mesmo nos casos da “música absoluta”, isto é, constituída exclusivamente de sons, sem qualquer apelo literário direto. Essa afinidade, talvez, esteja na própria estrutura da mente humana, que, adquirida a linguagem, executa o pensamento em termos do discurso, isto é, da articulação das palavras em frases, para direção do raciocínio. Contudo a música, por sua expressão temporal, é criada mentalmente numa sucessão de sons devidamente denominados “fraseado musical”. Aparentemente cada ideia melódica possuísse uma estrutura sintática. Na construção de uma música, o compositor elabora um “texto musical”, em que emite suas ideias em grupos sucessivos, do mesmo modo que da produção do texto literário.

Vários sentidos são atribuídos ao vocábulo “canção”, muito comum na Idade Média, quando os cavaleiros se declaravam às suas amadas nos versos, colocando-as como figuras idealizadas, distantes. Segundo Moisés (1986 p. 68), “De modo genérico, designa toda composição poética destinada ao canto ou que encerra nítida aliança com a música. Nesse sentido, o termo acoberta o poema, de várias naturezas, infensos a qualquer discriminação esclarecedora”. Por outro lado, há a distinção de canção popular da canção erudita. Uma apresenta o conceito voltado para as tradições folclóricas ou populares, a outra caracteriza pela obediência a esquemas cultos e precisos:

A temática da canção move-se em amplo espectro, desde os temas guerreiros até os morais, passando pelos patrióticos, humorísticos, satíricos e religiosos. Entretanto, seu motivo dileto e mais constante é o “amor”, e vice-versa. Semelhante a identificação ocorre entre a canção e o lirismo: o poema constitui-se na forma ideal para receber transbordamento do “eu”, e vice-versa. Em suma, a canção, o tema do amor e o lirismo são categorias literárias vizinhas e interinfluentes. (MOISÉS, 1986, p. 69)

Sobre essa interligação entre canção, amor e poesia, Rossi (2003, p. 10) diz:

As letras das músicas podem ser poemas. Ou não, tanto faz. O amor não tem autor, mas mil apelidos; por isso, todos costumam entoar o que outros compuseram, endossando o sentir alheio e se identificando na mesma significação. O fim justifica os meios, e o coração tem suas razões. Amar para ser amado, eis o destino da pulsão. Um beijo ou um aplauso, a recompensa. E a indiferença, a resposta fatal.

O amor na poesia em língua portuguesa e no cancionero popular vem construindo espaço ao longo dos tempos, sendo o centro de interesse de muitos, pois é de desejo humano entender como funciona esse sentimento tão complexo. Na contemporaneidade esse tema perde o lado romantizado e abre espaço para o sofrimento e angústia (amores não correspondidos, amores traiçoeiros e farsantes).

A poesia é o melhor que oferece a Literatura Portuguesa, dividida entre o apelo metafísico, que significa a vivência e a expressão de problemas fundamentais e perenes (a existência ou não de Deus, o ser e o não-ser, a condição humana, os valores do espírito, etc.), e a atração amorosa da terra (representada por temas populares, folclóricos), ou um sentimento superficial, feito da confissão de estados de alma provocados pelos embates amorosos (...) (MOISÉS, 2008, p. 90)

Para análise da trajetória do amor poético, textos que representa melhor essa definição, além de ser um grande poeta que tem extremo domínio sobre o enunciado, cabe a ele, Camões (1984) que convive em dois mundos: a poética tradicional e o estilo renascentista.

Não é possível compreender plenamente o cenário literário de tempos passados sem conhecermos aqueles autores considerados grandes, mas também os que foram reconhecidos como tal em sua época. É preciso, portanto, romper o apagamento de Castilho:

Creio que será difícil encontrar em qualquer época da história literária portuguesa, ou mesmo de outra nação, um caso tão estranho como é este de Castilho. Uma longa série de equívocos, próprios ou alheios, se estende em cadeia sem fim. [...] (SALGADO JR., 1947, p. 52-53).

Nas obras de Renato Russo, Vinícius de Moraes, Antônio Feliciano de Castilho e Soares de Passo também são conhecidos pelas belas métricas poéticas, principalmente retratando do amor.

Nesta perspectiva da eternidade do amor na canção popular vemos o lado humorístico, este que faz as composições ricas de diversidade e entusiasmos, pois além de apresentar o amor eterno, que ultrapassa a vida, abre caminho para o momento de encontro dos amados ser engraçado, bizarro, estranho, considerado totalmente cômico, perde o clima triste e romantizado. As músicas que define melhor essa análise são: “Romance de uma caveira” de Alvarenga, Ranchinho, Chiquinho Sales; “Coveiro Raimundo” de Naldinho e Monte Castelo” de Renato Russo

O conhecimento da sobre a organização eterna do amor em língua português visa reinventar a forma como as relações são feitas, acompanhando equipamentos antigos. Em meio a tanta inclusão social, o amor mudou, criando novas texturas e dimensões.

A partir dessa perspectiva da representação do amor na poesia em língua portuguesa analisaremos na próxima seção, os conjunto de texto Luís de Camões (1984, p. 116) composto por “Alma minha gentil, que te partiste” e “Amor é fogo que arde sem se ver”; textos de Vinícius de Moraes (1968, p. 560, 582) “Soneto de amor total”, “verbo no infinito”, “Eu sei que vou te amar” e “soneto de felicidade”; conjunto de textos de Antônio Feliciano de Castilho(2007, p. 47-57) “ o acalantar da neta- Xácara”; e “O noivado do sepulcro-Balada” de Soares de Passos(1990, p. 121).

### 3. PLATONISMO E IDEALIZAÇÃO DO AMOR NA POESIA EM LÍNGUA PORTUGUESA E NO CANCIONEIRO POPULAR BRASILEIRO

#### 3.1. A eternidade do amor na lírica camoniana: tradição fundante e sua atualização

Dos temas que mais abrange os poemas Camonianos é o amor, sendo retratado como o mais profundo dos sentimentos, o amor cortês, idealizado, o belo, magnífico e eternizado. Camões é um dos maiores escritores portugueses de todos os tempos. Construiu um modelo de escrita no período da Idade Média, final do Renascimento na qual a sociedade passava por grandes mudanças e o homem estava entre o centro do universo. O poema “Alma minha gentil, que te partiste” escrito em 1595, soneto XIII, compõe essa proposta de escrita, pela qual o amor é posposto como algo eterno.

O poema em questão é um soneto, composto por 14 versos e 4 estrofes, sendo 2 quartetos e 2 tercetos, o autor narra a história de um amante que desabafa sua dor pois sua amada morreu tão depressa. De início o narrador lamenta sua perda, utilizando o eufemismo para descrever a morte da amada.

Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo deste mundo descontente,  
Repousa lá no Céu eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste.  
(LUÍS DE CAMÕES, 1595)

Na primeira estrofe, o eu-lírico sofre pela partida (morte) da amada, é condenado a viver triste com o amor ardente que está dentro de si. Pode ser vista uma oposição entre o céu (espírito) onde a amada encontra, como um lugar bom, cheio de positividade, e ele na terra (Carne) em um ambiente triste e solitário. Nesse termo está expresso o amor platônico que tem o foco apenas aos pensamentos, à ideia.

No entanto, a estrofe 2- 4, existe uma alusão da figura feminina que a se torna figura etéreo, divina de purificação, deixando apenas uma memória

feliz e um amor ardente, além de sugerir a possibilidade de que a amada lembre dele “lá no assento Etéreo” e por isso sofria pela perda da amada, esperava que seu tempo de vida fosse curta para assim poupar sua dor.

Se lá no assento Etéreo, onde subiste,  
 Memória desta vida se consente,  
 Não te esqueças de aquele amor ardente,  
 Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
 Alguma cousa a dor que me ficou  
 Da mágoa, sem remédio, de perder-te;

Roga a Deus que teus anos encurtou,  
 Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
 Quão cedo de meus olhos te levou.  
 (LUÍS DE CAMÕES, 1595)

No soneto está presente a razão e a emoção, com uma escrita comovente, também presente a serenidade e sofrimento, faz referência que tudo muda, da mesma forma os amores, que um dia terá que partir. Por mais que o ser humano queira atingir o ideal depara sempre com a restrição. Contudo não existe absoluto ou eterno, basta apenas o real e ideal, a morte e a vida, o pessoal e o universal.

Entretanto, no poema mais famoso e conhecido de Camões “Amor é fogo que arde sem se ver” publicada em 1598, o autor apresenta o amor com um grupo de ideias opostas, a dor se opõe ao não sentir, o contentamento afinal é descontente. O eu lírico utiliza a aproximação de coisas que parecem distantes para explicar um conceito tão complexo como o amor.

Amor é fogo que arde sem se ver  
 É ferida que dói e não se sente  
 É um contentamento descontente  
 É dor que desatina sem doer  
 (LUÍS DE CAMÕES, 1598)

O poeta utiliza a antítese para desenvolver os versos através da aproximação dos opostos, além de uma série de afirmações sobre o amor que parecem contraditórias, mas que são subjetivos à própria natureza do sentimento amoroso. Outro ponto importante no poema é a dedução, na qual leva uma conclusão final do sentimento. O poema que apresenta dois

quartetos, um terceto que são feitas as afirmações do sentimento e a última estrofe a conclusão.

É um não querer mais que bem querer  
 É um não contentar-se de contente  
 Que já nos olhos meus tão puro viste.  
 É cuidar que se ganha em se perder  
 (LUÍS DE CAMÕES, 1598)

O formato do soneto clássico e a sonoridade estão relacionados ao contexto do poema, na qual as onze primeiras estrofes acontece o desenvolvimento de um raciocínio, tendo uma sonoridade adjuntas das rimas e da pausa na sexta sílaba métrica.

Camões utiliza termos simples para apresentar um sentimento humano muito profundo e complexo, o amor, tema que vem sendo explorado a séculos, sendo muito rica na poesia, trazendo vários escritores a explorar esse sentimento tão bonito e árduo.

Um dos pontos mais abordados no amor é a lealdade daquele que ama com o (a) amado (a). É notável esse aspecto nas cantigas medievais que visava esse sentimento de servidão. Camões também emprega esse termo no poema, utilizando sempre a antítese para construir o seu posicionamento.

É um estar-se preso por vontade  
 É servir a quem vence, o vencedor  
 É um ter a quem nos mata a lealdade  
 (LUÍS DE CAMÕES, 1598)

Nota-se que no poema existe uma dualidade desse sentimento de uma forma exemplar. No íntimo, é um dos sentimentos mais complexos que existe; que nos provoca tanto contentamento e sofrimento ao mesmo tempo. Camões harmoniza imagens muito opostas para explicitar o que é o amor.

O amor, conforme tudo que existe na vida, é um jogo de ambiguidades, que faz parte da alma humana. Não existe forma simples e clara que possa explicar esse sentimento humano. Entretanto, alguns poetas conseguem definir de forma única, sentimentos tão complexos como esse.

O soneto é um uso fino da palavra, capaz de criar figuras, imagens e possibilidades, capaz de ajudar a entender um pouco dos sentimentos internos. “Composição poética de catorze versos, dispostos em dois quartetos e dois

tercetos” (MOISÈS, 1978, p. 481). A estrutura costuma ser a mesma: começa com a apresentação de um tema, depois é desenvolvido, no último verso, contém uma conclusão que esclarece a questão.

O compositor Renato Russo utilizou a grandiosidade expressa no poema de Camões “Amor é fogo que se arde sem se ver” e compôs a canção “Monte Castelo”, em 1989, foi o grande sucesso da Legião Urbana e pode construir com elementos ricos para o descrever o sentimento mais belo, o amor. A música é um diálogo intertextual do soneto de Luís de com a passagem da bíblia 1ª Epístola de São Paulo aos Coríntios “O amor é um dom supremo”. Na canção a uma troca da palavra “caridade” da Bíblia por “amor”. Ele se refere à falta de amor entre os homens, numa espécie de crítica às guerras, à falta de amor entre a humanidade em si, como ocorreu o caos da Batalha de Monte Castelo, que é uma região localizada na Itália.

Ainda que eu falasse a língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos,  
sem amor eu nada seria (RUSSO,1989)

Nesse primeiro verso Castelo faz referência a passagem bíblica Coríntios, nela o compositor apresenta o amor de forma sublime, pois não adianta conhecer todas as línguas e comunicar com diferentes seres, sem conhecer o amor, nada adiantaria, o amor é a fonte do preenchimento humano.

No verso seguinte apresenta elementos ainda da passagem de Coríntios: É só o amor que conhece a verdade, ele não é vaidoso, não tem maldade, ele é o sentimento mais puro e genuíno, cheio de valores e emoções. Quem o tem não deixa entrar sentimentos mesquinhos como a vaidade e a inveja. Além disso existe uma serenidade ao apresentar o efeito de quem ama, seu benefício para a alma e o corpo.

É só o amor! É só o amor  
Que conhece o que é verdade  
O amor é bom, não quer o mal  
Não sente inveja ou se envaidece.  
(RUSSO,1989)

Nos dois seguintes versos, o compositor apresenta o poema de Camões adaptado para a canção:

O amor é o fogo que arde sem se ver  
 É ferida que dói e não se sente  
 É um contentamento descontente  
 É dor que desatina sem doer. (RUSSO,1989)

O verso escrito pelo português, apresenta uma antítese pois utiliza figuras de linguagens para explicitar o amor, no entanto com entoação ou palavras contárias ao verdadeiro significado desse termo. Expressões como: “ferida que dói e não se sente” e “É um contentamento descontente”, são ideias que não condiz com o significado, sendo conceitos opostos. Dessa forma o amor é algo abstrato, não podemos tocá-lo, apenas sentir, quando isso foge da razão abre espaço para diferentes compreensões, tornando-o até contraditórias.

Essa contrariedade a respeito do amor, traz uma amplitude no sentido da canção adicionada com a sonoridade e lirismo do poema de Camões e o estilo musical da banda Legião Urbana, casando-se entre si.

É um não querer mais que bem querer  
 É solitário andar por entre a gente  
 É um não contentar-se de contente  
 É cuidar que se ganha em se perder. (RUSSO,1989)

Esse trecho também é retirado do poema “Amor é fogo que se arde sem se ver” de Luís de Camões. Apesar das relações humanas serem complexas e difíceis, todos desejam ter esse sentimento por um alguém, vivem em constante busca, o amor deixa as almas mais leves e felizes. Dessa forma é apresentado nessa estrofe o estar solitário quando se encontra com várias pessoas e acontece o desencontro ou a perda, ficando contente e descontente, isso se trata das desavenças e conflitos, assim amando e desapegando.

O último trecho retirado da poesia de Camões vem retratando o amor e sua singularidade, as vezes tão complexo e contraditório, outro tão perfeito e satisfatório, como é difícil compreendê-lo. Apesar de tudo vale ressaltar que o amor faz bem e cura o corpo e alma, mas ele não supera tudo. As vezes as pessoas ficam presas á isso causando-lhes desconforto e angústia, jamais alguém pode ficar induzidas a permanecerem em algo que lhe causa danos:

É um estar-se preso por vontade  
 É servir a quem vence, o vencedor  
 É um ter com quem nos mata a lealdade  
 Tão contrário a si é o mesmo amor. (RUSSO,1989)

Para fechar a mensagem da canção, no último trecho volta com uma passagem bíblica de Coríntios, pela qual o personagem afirma estar acordado enquanto os outros dormem, ele declara que apenas ele sabe o que é o amor. Contudo, pressupõe a importância de todos compreender melhor o amor; senti-lo em sua profundidade e deixar de lado conceitos e molduras conforme a razão.

Estou acordado e todos dormem  
 Todos dormem, todos dormem  
 Agora vejo em parte  
 Mas então veremos face a face. (RUSSO,1989)

A canção finaliza com dois belos versos, que faz entendemos que tudo é amor, o quanto ele é nobre e esplendido, o maior dos sentimentos. Através dele podemos conhecer a verdade. “É só o amor! É só o amor” “Que conhece o que é verdade” (RUSSO, 1989)

Pode se dizer que o tema central da canção é a singularidade do amor e seus inúmeros significados, sendo ele livre e espontâneo, tão fácil de senti-lo e difícil defini-lo, assim nada mais é do que a elevação do espírito, o amor transforma o ser humano.

### **3.2 A eternidade do amor no cânone da poesia romântica portuguesa: “O acalantar da neta” e “O noivado no sepulcro”**

Antônio Feliciano de Castilho foi um dos grandes nomes da literatura, reconhecido como poeta, também teve grande participação no campo Jornalístico. Suas histórias, além do uso quase constante do humor ironicamente, ele foi construído usando três dispositivos: Intertextualidade explícita ou implícita, além de outras artes; aberto ao conhecimento prévio de outros temas e relacionamento direto e desnecessários para entendimento, porque servem de reforço ou relembre outros tópicos. Suas narrativas quase ficcionais apresentavam estratégia; semântica aberta, metáfora etc. Tratava

em seus poemas de assuntos relacionado ao sentimento amor, políticos e sociais.

Castilho também era conhecido pela escrita de xácaras termo muito utilizado na Península Ibérica por grandes artistas, esses textos são na verdade apresentados como uma canção narrativa em versos.

A Xácaras de Castilho, “O Acalentar da Neta” poema narrativo medieval, foi publicado pela primeira vez em “O Panorama II” em 1838, sem qualquer vestígio de tradicionalização. Ao todo compõem uma estrutura de 64 estrofes de 4 versos cada. O eu-lírico vem em voz feminina, declamando uma bela cantiga de ninar para sua neta que está prestes a dormir. A avó canta em voz serena uma história de amor entre dom Giraldo e Dona Ausenda, que vivia um romance proibido, tendo por fim a morte de ambos, só assim que acabam juntos na sepultura.

Na primeira estrofe do poema, a avó inicia sua cantiga pedindo para sua neta dormir enquanto o berço ela balança, em seguida já apresenta a história de amor proibido.

Dorme, dorme, minha neta,  
Senão eu não sou tua amiga  
Dorme, que eu te embalo o berço  
E te canto uma cantiga. (CASTILHO, 2007)

Dona Ausenda vivia um grande amor, porém não tinha o concebimento da mãe e suas irmãs e por isso fugira de casa após receber uma carta do amado que lamenta sua ausência, assim como seu sofrimento, ele escreve sua previsão de não poder viver esse amor. Sem pensar nas consequências que poderia causar a sua família, parte sem olhar para trás e vai ao encontro do amado.

Vai a bela Dona Ausenda  
Caminho de Palestina,  
Leva traje de romeiro,  
Com seu bordão e esclavina.

Dona Ausenda, Dona Ausenda,  
em sabendo que és fugida,  
tua mãe cairá morta  
e tuas irmãs sem vida.

Pouco importa a Dona Ausenda

quem em Espanha morra ou viva;  
vai em busca de tua alma  
que em Palestina é cativa.

De lá lhe vieram cartas,  
e uma carta lhe dizia:  
“Teu amigo, Dona Ausenda,  
Chora de noite e de dia”.

“As cadeias não lhe pesam,  
pesas-lhe tu, porque cisma  
que há de morrer sem mais ver-te,  
nem ver-te quer na mourisma.  
(CASTILHO, 2007)

Em todo o poema há uma repetição de versos que ao certo é o refrão da cantiga, mesmo ressaltando o romance ela volta para pedir a neta para dormir, enquanto ela canta a luz da imagem da Virgem Maria, termo religioso que é utilizada muito na cantiga.

Dorme, dorme, minha neta,  
e tu, fuso, fia, fia,  
eu canto à minha candeia  
ao pé da Virgem Maria.

(CASTILHO, 2007)

Nos versos seguintes, o eu-lírico declama a triste morte de Dona Ausendia, após sua fuga que foi ao entardecer, ela fica perdida na floresta durante a noite, já fraca e presa na escuridão. Ela chora e lamenta a perda da sua mãe e agora ao fim da sua vida, já no leito da morte pede ao seu anjo da guarda que leve resposta sua em sonho para seu amado Dom Giraldo, expressando todo seu amor. Ao chegar meia noite ela não resiste e dá seus últimos suspiros. Com os olhos cansados ver um fantasma branco se aproximando, surge também o medo que lhe cerca o corpo, reza e se benze, mas não adianta, pois, ao aproximar, a sombra estende-lhe os braços e diz ser Dom Giraldo que a veio buscar, os seus anjos da guardas tinham dado o fim das suas agonias, marcando o encontro deles à meia-noite, por concepção divina:

Aos socos descalça a porta  
E ajoelha com fé viva,  
Pedindo lhe restitua  
Sua alma que já cativa.

Os olhos da Virgem Santa

Deram mostras de afligida!  
Ergue-se um vento da serra...  
Que toda tremeu a ermida.

Coitada da Dona Ausenda,  
Mais triste sai do que vinha,  
Cerrou-se-lhe logo a noite;  
E ela nos bosques sozinha!

Numa raiz pousa a face,  
O corpo em folhas reclina,  
Com suas penas conversa  
Coitada da peregrina!

“Perdia a terra e o palácio,  
perdi a mãe que lá tinha,  
perco-me agora a mim mesma,  
e o que procurando vinha.

“Dom Giraldo, Dom Giraldo,  
só a fé não é perdida,  
pois tu sabes que eu te adoro  
e eu sei como sou querida.

Peço ao meu Anjo da Guarda,  
Se hei de aqui ficar perdida,  
Que vá levar-te em sonhos  
Esta minha despedida”.

Assim dizia a formosa  
Dona Ausenda de Molina;  
E ao dizer “anjo da guarda”,  
Lembrou-lhe a irmã pequenina.  
Tinha dado a meia-noite,  
E Dona Ausenda caíra.  
Ai! Jaz morta a Dona Ausenda  
Que tantas penas sentir

Então dos olhos cansados  
Lhe brotou a dor viva,  
E ouviu folhas abanadas,  
E viu uma luz esquiva.  
Logo para aquela parte,  
Porque o pavor a conquista,  
Em joelho, com mãos postas,  
De relance estende a vista.

E viu uma sombra grande  
Que mui devagar caminha;  
Quis rezar, benzeu-se errado,  
Não deu coa Salve Rainha

O andar do fantasma branco  
Nenhum ruído fazia;  
Parou e pôs nela os olhos;  
Mas eram terra, não os via.

Estendeu-lhe os braços longos,  
E co'uma voz, como brisa,  
Lhe diz: “Eu sou Dom Giraldo,  
Que em mim já se não divisa.

“Tu buscavas o cativo,  
eu procuro a peregrina;  
tua alma Deus quer que esteja  
co meu corpo em Palestina.

“Os nossos Anjos da Guarda  
deram palavra sem língua,  
que à meia-noite aqui mesmo  
findaria a nossa minguá.

Deus à alma envia um corpo,  
E ao corpo uma alma envia...”  
Já estas finais palavras  
Dona Ausenda não ouvia.  
(CASTILHO, 2007)

A Xácara finaliza com os dois amantes em um caixão ambos abraçados, com coroas de flores brancas, Dom Giraldo e dona Ausenda, que não puderam viver o amor em vida, casaram em morte, assim passando a eternidade juntos.

Como se abriu a capela,  
Logo entrou por ela acima  
Um caixão com dois defuntos  
Todo de obra muito prima.

Dorme, dorme, minha neta,  
e tu, fuso, fia, fia,  
eu canto à minha candeia  
e estou co'a Virgem Maria.

Vinham ambos abraçados  
Com mostras de quem dormia,  
Com cr'oas de flores brancas,  
E ninguém lá os trazia.

Mãos que pesavam a argola  
Eram mãos que se não viam,  
Nem se enxergava pessoa  
Nos cantares que se ouviam.

Dorme, dorme, minha neta,  
e tu, fuso, fia, fia,  
eu canto à minha candeia  
ao pé da Virgem Maria.

Foi escrita essa memória  
Numa tábua bem polida  
Que indagora na Biscaia  
Se vai ver àquela ermida.

A campa ficou sem nomes,  
Mas toda a gente dizia,  
Que era D. Ausenda e D. Giraldo,  
Filhos da Virgem Maria.

Por devoção que um e outro  
 Com o santo Rosário tinha,  
 Inda por morte casaram,  
 Sendo a Senhora madrinha.  
 (CASTILHO, 2007)

A última estrofe, a avó (eu-lírico) ao finaliza a história de Dom Giraldo e dona Ausenda, percebe que sua neta já dormiu conclui sua cantiga, afirmando que no dia seguinte recitará outra mais bonita.

Dorme, dorme, minha neta  
 Que tenho a rocada finda;  
 Amanhã, querendo a Virgem  
 Te direi outra mais linda.

A narrativa de Castilho apresenta tema tradicional, na antiguidade era muito comum as cantigas de ninar, dessa forma o autor faz uma junção com uma história de amor que não tinha o consentimento dos familiares, geralmente das mulheres, assim os amantes fazem de tudo para estarem juntos e viverem esse amor proibido, essa temática foi muito utilizada também no período, todos esses recursos fazem com que a xácara torne mais atrativa ao leitor.

Com a mesma temática de Castilho (a eternidade do amor), Antônio Augusto Soares de Passos, foi um grande poeta, do período romântico e ultrarromantismo português. Membro da segunda geração, que decisivamente influenciados pela poesia pessimista e sentimental. A balada o “Noivado do sepulcro” ´foi o mais memorável de Soares de Passos.

O termo balada teve sua origem entre os povos germânicos na Idade Média. Alarcão o define como:

[...] a balada poderia assim ser apresentada como um tipo de poema narrativo, cuja literariedade foi ao longo dos séculos objeto de debate e reapreciação, que tende em regra a organizar a história num enredo algo depurado (muitas vezes centrado numa só personagem, num só acontecimento/episódio, num só conflito ou numa só temática), reduzido a lances capitais narrados de forma linear e sintética, lacônica ou até elíptica, característica infelizmente agravada pela condição fragmentária ou lacunar de que padecem muitas baladas antigas. (ALARCÃO, ano)

O poema de Soares, é composto por dezenove quadras em dez versos sílabas, correspondendo ao nome de "novas medidas", desde o período renascentista, passando pela influência da Itália, até o cânone literário na

restauração dos ideais clássicos. Em termos rimáticos prevalecem os padrões abab/ por vezes a terceira, rima com o primeiro verso.

A balada "O noivado do Sepulcro" retrata a história de amor de um casal de esqueletos que ultrapassa a morte com o cumprimento do voto de troca de amor eterno. A causa da morte dos personagens é desconhecida. Embora seja trágico, o ambiente sobrenatural do encontro, a voz poética soa um ar romântico e aterrorizante ao mesmo tempo.

O local funerário e sombrio, o amor eterno, idealizado, acima de todos os costumes sociais, até "espirituais", como o "noivado além do túmulo", a relação entre o amor e a morte, é frequentemente dotado de drama excessivo, impulso irracional desenfreado, desejo de infinito, fôlego noturno, ideais transcendentais, todos os quais estão refletidos neste poema de Soares de Passos.

A primeira parte do poema "O Noivado no Sepulcro" é uma introdução à própria história. O narrador apresenta as cenas no presente, sendo que a ação que se restringe a um passado.

Vai alta a lua! na mansão da morte  
 Já meia-noite com vagar soou;  
 Que paz tranquila; dos vaivéns da sorte  
 Só tem descanso quem ali baixou.  
 (SOARES DE PASSOS, 1995)

Nesta estrofe o valor da morte é considerado uma boa forma de acalmar o espírito, curar a alma, em outras palavras, a valorização dos ideais prejudica o mundo terreno e efêmero que foi corrompido pela sociedade.

A segunda estrofe, é composta por maravilhoso elemento inserido a partir do fantasma ascendente que levanta do seu túmulo.

Que paz tranquila!... mas eis longe, ao longe  
 Funérea campa com fragor rangeu;  
 Branco fantasma semelhante a um monge,  
 Dentre os sepulcros a cabeça ergueu.  
 (SOARES DE PASSOS, 1995)

O segundo verso que aparece na terceira estrofe é muito contraditório ao gosto dos poetas românticos: "O Campeão da Lua com Luz Sinistra". A importância do significado noturno no pensamento romântico é um fato bem conhecido.

Ergueu-se, ergueu-se!... na amplidão celeste  
 Campeia a lua com sinistra luz;  
 O vento geme no feral cipreste,

O mocho pia na marmórea cruz.  
(SOARES DE PASSOS, 1995)

O local dos fatos é narrado de forma macabro, à noite, o vento que soprava os galhos de arvores e os objetos presente no cemitério, a ave noturna que cantava sobre a cruz, são expressões que deixa o poema assustador.

Na quinta, sexta, sétima e oitava estrofe, o eu-lírico é substituído pelo protagonista do poema, o homem que declara todo seu amor para a namorada, e seu lamento, por ter sido abandonado, mesmo tendo morrido seu sentimento não mudara, no entanto, acreditava que ela não o amava mais. Nesse cenário o amante declama seu amor eterno e a falta que ela fez.

Chegando perto duma cruz alçada,  
Que entre os ciprestes alvejava ao fim,  
Parou, sentou-se com a voz magoada  
Os ecos tristes acordou assim:  
"Mulher formosa, que adorei na vida,  
E que na tumba não cessei de amar,  
Por que atraíças, desleal, mentida,  
O amor eterno que te ouvi jurar?

Amor! engano que na campa finda,  
Que a morte despe da ilusão falaz:  
Quem dentre os vivos se lembrara ainda  
Do pobre morto que na terra jaz?

Abandonado neste chão repousa  
Há já três dias, e não vens aqui...  
Ai, quão pesada me tem sido a lousa  
Sobre este peito que bateu por ti!

Ai quão pesada me tem sido!"e em meio  
A fronte exausta lhe pendeu na mão,  
E entre soluços arrancou do seio  
Fundo suspiro de cruel paixão.  
(SOARES DE PASSOS, 1995)

A nona e décima primeira estrofe, revela o ciúme irracional do homem sobre sua amada e descreve o ato sexual, a realização física do amor idealizado, como impuro, licencioso e, em suma, triste. Por outro lado, o termo "protesto nosso" expressa o espírito rebelde do romantismo, no caso, lutar contra os costumes sociais em nome de um amor que transcende qualquer fronteira. Portanto, é compreensível que o casal tenha enfrentado dificuldades sociais ao longo de suas vidas, e o amante espera que sua amante ainda possa cumprir seu juramento de lealdade e amor eterno, mesmo depois de tantas adversidades.

“Talvez que rindo dos protestos nossos,  
 Gozes com outro d'infernal prazer;  
 E o olvido cobrirá meus ossos  
 Na fria terra sem vingança ter!”

“Ó nunca, nunca!” de saudade infinita,  
 Responde um eco suspirando além...  
 – “Ó nunca, nunca!” repetiu ainda  
 Formosa virgem que em seus braços tem.  
 (SOARES DE PASSOS, 1995)

Nas estrofes 13 e 14, a mulher levanta-se de seu túmulo e confirma a promessa de amor feita a ele sob o luar, de amor eterno. personagem feminina aproxima do amado e explica que morreu por amor. Diretamente a força desse amor que é a causa do encontro mágico dos dois falecidos, e é por ser um amor tão nobre que se torna virtuoso.

Feliz que pude acompanhar-te ao fundo  
 Da sepultura, sucumbindo à dor:  
 Deixei a vida... que importava o mundo,  
 O mundo em trevas sem a luz do amor?

Saudosa ao longe vês no céu a lua?”]  
 – “Ó vejo sim... recordação fatal”  
 – Foi à luz dela que jurei ser tua  
 Durante a vida, e na mansão final.  
 (SOARES DE PASSOS, 1995)

As últimos quatro estâncias descrevem o encontro do casal em uma tumba e, por fim, exalta a promessa de união eterna, estando unidos em um único sepulcro. No entanto, nem mesmo a morte não pode derrotar o amor. Não há nada mais romântico do que isso:

Ó vem! se nunca te cingi ao peito,  
 Hoje o sepulcro nos reúne enfim...  
 Quero o repouso do teu frio leito,  
 Quero-te unido para sempre a mim!

E ao som dos pios co cantor funéreo,  
 E à luz da lua de sinistro alvor,  
 Junto ao cruzeiro, sepulcral mistério  
 Foi celebrado, d'infeliz amor.

Quando risonho despontava o dia,  
 Já desse drama nada havia então,  
 Mais que uma tumba funeral vazia,  
 Quebrada a lousa por ignota mão.

Porém mais tarde, quando foi volvido  
 Das sepulturas o gelado pó,  
 Dois esqueletos, um ao outro unido,  
 Foram achados num sepulcro só.  
 (SOARES DE PASSOS, 1995)

O tema amor e morte são essencialmente ligados a vulnerabilidade humana. É natural que no processo da vida tenha existido um desgosto ou desilusão amorosa, o amor, sentimento tão agudo e idealizado, conectado a um sistema de valores morais e condutas criadas pela sociedade. Dessa forma, a morte apresentada na balada é a concretização das juras de amor eterna, pois nem a morte pode separar os amantes. O amor apresentado no poema supera todos os desafios e empecilhos.

### **3.3 “Infinito enquanto dure”: idealização do amor, sem eternidade – ruptura e descontinuidade na poesia lírica de Vinícius de Moraes**

A poesia de Vinicius de Moraes tem mostrado ao longo do tempo uma extremidade e variedade de recursos linguísticos, abrangendo temas que atraem o interesse dos leitores, além de apresentar questões relevantes e com um lirismo sentimentalista, tem a capacidade de encantar os jovens leitores, não é por acaso que seus versos vêm passando de geração em geração. O amor é a primeira temática tratada em seus poemas, sendo o central de suas obras.

O amor evidente em suas poesias é completamente sincero, humilde, claro e autêntico, seja o amor fraterno, erótico, amor carnal ou o amor a Deus. Ele não é maldoso muito menos controlador. O amor presente nas ilustres obras de Vinicius é intenso e até passageira, mas jamais em estado de impassibilidade. É assim que o amor se situa em seus poemas: do tanto ao ponto de autoaperfeiçoamento. Amor melancólico; amor simbiótico; adoração; amor perdido, fugaz; e amor sensual.

Um dos poemas de amor mais celebrados de Vinicius de Moraes é “Soneto do amor total”, escrito em 1951, como o próprio nome já diz, trata de um soneto. Portanto, a estrutura do soneto é fixa e regular, ou seja, é composto por quatro versos e quatorze versos, dois quartetos (quatro versos) e dois trigêmeos (três versos). Este é um poema regular de dez sílabas, ou seja, cada estrofe possui dez versos, como mostra a figura acima. Rima conforme a seguinte estrutura: ABAB ABBA CDC DCD.

O soneto fala do amor que uma pessoa sente por outro, apresentando o sentimento de intimidade dos afetos ao próximo.

Amo-te tanto, meu amor... não cante  
 O humano coração com mais verdade...  
 Amo-te como amigo e como amante  
 Numa sempre diversa realidade. (MORAIS, 1951)

No primeiro verso da primeira estrofe o autor utiliza a expressão “Amo-te tanto”, apresenta uma condição de imensidade, pois não determina a quantidade de seu sentimento, dando a entender que não é pouco. É utilizado o vocativo “meu amor” que demonstra sentimentalismo e aproximação entre o outrem. Em seguida, a voz eu lírica pede para não cantar, pois não deseja que celebre a poesia, após isso declara para a amada dizendo que o seu amor é verdadeiro e não existe mascaras, isso faz se sentir mais humano.

A julgar por sua declaração, parece impossível ter um amor humano mais sincero do que ele sentia. É um sentimento heterogêneo, que não só se considera uma fonte de prazer, mas também se considera sempre um parceiro de qualquer momento.

Em suma, nota-se que a primeira estrofe é referida pelo o eu lírico como as relações amorosas que ora se baseiam na sensibilidade outrora na amizade.

A segunda estrofe que é muito poética enfoca o tempo de vida amorosa no presente, bem como na antecipação do futuro, além disso é presente uma contradição em presente (atual) na saudade (longe).

Amo-te enfim, de um calmo amor prestante,  
 E te amo além, presente na saudade.  
 Amo-te, enfim, com grande liberdade  
 Dentro da eternidade e a cada instante. (MORAIS, 1951)

O eu lírico vive agora uma situação calorosa e gratificante com o ente querido, mas ao mesmo tempo é capaz de se projetar em uma situação onde prevalece a ausência. Está presente expressões como eternidade (distante) e instante (vivendo), assim evidenciado que nada fará que o deixe de amar, até mesmo com a falta da amada.

A terceira estrofe traz um amor instintivo e feroz, condizente a desejos carnisais, poema está cheio de tom emocional.

Amo-te como um bicho, simplesmente,  
 De um amor sem mistério e sem virtude  
 Com um desejo maciço e permanente. (MORAIS, 1951)

Há um contraste com a natureza dos animais, retratando o quanto é ganancioso e irracional no sentimento do amor. No decorrer dos versos fica explícito de como o amor é instintivo e carente de razão. Não se sabe ao certo de onde surgiu e como esse mecanismo funciona, tudo se torna tão complexo e incerto quando refere-se a esse sentimento. Assim é cabível a constatação de que o amor existe o desequilíbrio.

Finalizando o soneto, na quarta estrofe o eu-lírico deixa claro que o amor é um sentimento que se usufruem muito.

E de te amar assim muito e amiúde,  
É que um dia em teu corpo de repente  
Hei de morrer de amar mais do que pude. (MORAIS, 1951)

Embora tristemente ciente da finitude dos sentimentos, o sujeito poético descobre que se rende ao destino de conhecer esse sentimento tão poderoso. É notável que mesmo que ele conheça o destino do amor, não deixará de experimentar com pureza, por completo e extrairá toda a beleza que pode alcançar desse sentimento.

No primeiro verso da última estrofe, após a descrição do desejo, temos esse tipo de amor, lembra muito em um curto período de tempo, ou seja, uma espécie de amor com muitos relacionamentos. No último verso, morrerei por amor, isso porque acredita que um amor forte até a morte tem múltiplos sentidos. Isso pode ser também a morte do amor, ou a intensidade das relações sexuais, até que o corpo se canse. Este soneto descreve a mistura entre o sentimento amor de desejo.

Tratando dos poemas amorosos de Vínicos de Moraes, um poema lírico que atraem diversos olhares é o soneto “O verbo no infinito”, o poema é composto, portanto, de dois quartetos (quatro versos) e dois tercetos (três versos).

O soneto inicia a partir do jogo de palavras. Ele está presente desde o título da estrutura, até no uso dos verbos do próprio poema, que estão no infinitivo. Com a estrutura verbal, pode-se dizer que o uso no infinitivo traz consigo uma intenção para o poema, expressam uma linearidade, observação que pode ser feita por quem lê. O eu-lírico consegue expressar uma sequência, de fatos da vida apenas com o simples jogo derivado das palavras.

Ser criado, gerar-se, transformar  
O amor em carne e a carne em amor; nascer

Respirar, e chorar, e adormecer  
E se nutrir para poder chorar

Para poder nutrir-se; e despertar  
Um dia à luz e ver, ao mundo e ouvir  
E começar a amar e então sorrir  
E então sorrir para poder chorar. (MORAIS, 1968)

Nos dois primeiros trechos, a voz do poema retrata o processo da vida. Essa fase de desenvolvimento e crescimento do indivíduo cabe ao amor, pois através dele pode gerar um sujeito, ele fruto de um amor, assim irá crescer conhecendo e vivenciando esse mesmo sentimento, sorrindo e chorando, pois, também á desencontros nos relacionamentos amorosos.

E crescer, e saber, e ser, e haver  
E perder, e sofrer, e ter horror  
De ser e amar, e se sentir maldito

E esquecer de tudo ao vir um novo amor  
E viver esse amor até morrer  
E ir conjugar o verbo no infinito...  
(MORAIS, 1968)

Nas ultimas estrofes, terceira e quarta, aborda os desencontros dos amores, nem sempre eles são apenas mares de felicidades, vai ter momentos de sofrimento, pois amar doe muito, ainda mais quando não é correspondido ou o outro precisa partir, sendo assim é necessário crescer, entender todas as situações e não se sentir inferior.

O eu-lírico conclui retratando que as inconformidades vão existir, mas é imprescindível esquecer essas turbulências e seguir em frente, encontrar um novo amor, vivendo-o até a morte, iniciando assim um novo ciclo do amor.

Ao concluir o poema no ultimo verso, o poeta afirma que o destino do ser humano é conjugar os verbos no infinito assim como apresentado no poema que é a eternidade do amor.

Outro poema de grande destaque entre as obras de Vinicius de Moraes é “Soneto de Fidelidade”, foi publicado no livro de poemas, sonetos e Baladas em (1946), e apresenta os sentimentos de amor e fidelidade em um relacionamento.

Na primeira estrofe do soneto, que é um quarteto, abrange toda emoção e inquietação para expressar todo seu amor que é cativado a cada minuto, que só aumenta a cada dia mais.

De tudo, ao meu amor serei atento antes  
 E com tal zelo, e sempre, e tanto  
 Que mesmo em face do maior encanto  
 Dele se encante mais meu pensamento.  
 (MORAES, 1946)

O eu-lírico já faz referência partir do título à fidelidade, que no decorrer do poema jura dedicação a esse amor: “De tudo ao meu amor serei atento”. Além disso é demonstrado todo cuidado e zelo desse amor pela pessoa amada, que é manifestado e tratado para que ele não se acabe. Fica nítido o sentimento e entrega total ao amante, além de sua intensidade expostas através dos termos “Tanto” e “sempre”.

No último verso da primeira estrofe finaliza seu desabafo e afirma terá tanto amor e atenção que a amada ficará tão deslumbrada por ele, que nem o ser mais bonito fará com que fuja dos seus pensamentos.

No segundo trecho, se encontra a antítese, pois indica os sentimentos contrários alegria “risos” e tristeza “prantos”. Na alusão presente relata que todos os relacionamentos tem dificuldades e conflitos, no entanto o amor sempre prevalece.

Quero vivê-lo em cada vão momento  
 E em louvor hei de espalhar meu canto  
 E rir meu riso e derramar meu pranto  
 Ao seu pesar ou seu contentamento. (MORAES, 1946)

O interlocutor a todo momento jura sua fidelidade, mas também tem consciência que há amores que são passageiros, assim como a vida. Em alguns instantes o eu-lírico expõe suas ideias e deixa transparecer suas experiências pessoais voltada para o amor, essas evidências estão presentes na terceira estrofe.

E assim quando mais tarde me procure  
 Quem sabe a morte, angústia de quem vive  
 Quem sabe a solidão, fim de quem ama.  
 (MORAES, 1946)

A voz poeta aborda nesses versos o fim da matéria, que a morte ou término de um relacionamento pode acarretar o fim do amor, resultando na

solidão, destino de quem ama, mesmo não querendo que isso aconteça é inevitável.

A última estrofe, o interlocutor almeja que a morte e a solidão não cheguem logo, para que possa desfrutar desse amor por muito tempo.

Eu possa lhe dizer do amor (que tive):  
Que não seja imortal, posto que é chama  
Mas que seja infinito enquanto dure. (MORAES, 1946)

Nesse terceto, final do soneto, está presente uma metáfora com o amor, é comparado a uma chama, tendo o sentido que ele queima, arde e não dura pra sempre. O anseio do eu-lírico é aproveitar enquanto dure todo amor e a chama que ainda está viva no coração.

No soneto também se encontra um paradoxo quando refere ao infinito, nesse contexto a fidelidade não é eterna, apenas quando a chama desse amor está acessa, se ela apaga, a fidelidade também acaba.

Está presente em todo poema elementos do modernismo com a ideológica e sua forma narrativa, uma delas é a contrariedade de ideias condizendo que o amor é bom, mas também é capaz de ser ruim.

Vinicius de Moraes além de ser um dos maiores poetas modernistas, e em inúmeros de seus poemas a melancolia não era somente produto da separação e anseio pelo retorno, mas parte constituinte do próprio amor, que parece não poder sequer existir sem ela. Foi um dos compositores mais reconhecido da música popular brasileira. Uma da sua canção mais populares é "Eu sei que vou te amar", ele explora a ideia das mulheres como objetos de adoração, que é outro conceito obviamente romântico.

A métrica de cada linha é a seguinte: primeira, 6 sílabas poéticas; a segunda e a terceira, 10; a quarta, 12. A construção de notas musicais acompanha esse desenho, e a altura da frase musical também se eleva a cada descrição do texto.

Na canção, o amante declara todo seu amar pela amada, utilizando também a "simbiose" que significa "viver junto". Para afirmar sua certeza quanto o seu sentimento é utilizado a repetição da frase "Eu sei que vou te amar".

Eu sei que vou te amar  
Por toda a minha vida eu vou te amar

Em cada despedida eu vou te amar  
 Desesperadamente, eu sei que vou te amar  
 E cada verso meu será  
 Pra te dizer que eu sei que vou te amar  
 Por toda minha vida

Eu sei que vou chorar  
 A cada ausência tua eu vou chorar  
 Mas cada volta tua há de apagar  
 O que essa ausência tua me causou  
 Eu sei que vou sofrer  
 A eterna desventura de viver  
 A espera de viver ao lado teu  
 Por toda minha vida (MORAES,1958)

Para idealizar permanentemente a mulher, o romantismo presente na letra da música a idolatra e declara que queria está com ela para sempre, o que mais uma vez agravou sua dor. Em suma conta a vida de uma pessoa apaixonada, que sofre antecipado com a partida da amada, acrescenta que vai sentir saudades, chorar e se declarar lealdade. Mas adeus, quando for embora o seu amor desaparecer, a amada também vai sentir falta dele, assim toda sua vida é amor!

### **3.4 Amor e humor no cancioneiro popular brasileiro**

As canções sempre contiveram recursos capazes de expressar sentimentos e emoções, entre elas as relações amorosas, que perdura por muito tempo, sendo constantemente de interesse do público ouvinte. Um dos caminhos que possibilitou a implantação de um novo horizonte á música depois do século XX foi o cenário humorístico nas composições. Dada a mudança cultural vivida na época. A popularidade e a diversificação do mundo do rádio na década de 1940, os temas tratados giravam em torno de acontecimentos passados.

Se tratando de amor e humor, duas composições representam melhor esse cenário a primeira é “Romance de uma Caveira” (1940) de Alvarenga, Ranchinho e Chiquinho, a segunda “Coveiro Raimundo” de Naldinho.

O Romance de uma Caveira foi gravado pela primeira vez em 1940 pelo Odeon, e foi um dos maiores sucesso de Alvarenga, Ranchinho e Chiquinho. É uma valsa tragicômica que conta a história de uma caveira recém-chegada ao cemitério, “um defunto fresco” que acaba por provocar uma

crise naquilo que parecia um “amor eterno” entre duas caveiras. E termina em tragédia, com o suicídio da “caveira”:

Eram duas caveiras que se amavam  
E à meia-noite se encontravam  
Pelo cemitério os dois passeavam  
E juras de amor então trocavam

Sentados os dois em riba da lousa fria  
A caveira apaixonada assim dizia  
Que pelo caveiro de amor morria  
E ele de amores por ela vivia

Ao longe uma coruja cantava alegre  
De ver os dois caveiros assim felizes  
E quando se beijavam em tons fúnebres  
A coruja, batendo as asas, pedia bis

Mas um dia chegou de pé junto  
Um cadáver novo de um defunto  
E a caveira pra ele se apaixonou  
E o caveiro antigo abandonou

E o caveiro tomou uma bebedeira  
E matou-se de um modo romanesco  
Por causa dessa ingrata caveira  
Que trocou ele por um defunto fresco

Nessa canção já se percebe a dose humorística presente nas situações narradas, o romance das caveiras, o encontro a meia noite, o som da coruja, a paixão por uma caveira que chega recente no cemitério e por fim o suicídio de uma caveira que já estava morta, além disso essa temática enfatiza acontecimentos de quando está vivo. Contudo vale ressaltar a sonoridade fúnebre dos fatos, o cantar da coruja pedindo bis.

A eternidade do amor nessa música é apresentada de forma expansiva, faz com que perca o ar de romântico presente nos fatos como a caveira que morria de amor é decepcionado quando seu amor se deixa para ficar com outro mais novo, assim não consegue viver sem a amada.

De forma similar a canção o “Coveiro Raimundo” de Naldinho, também um cenário tenebroso, narra a história do coveiro Raimundo, que trabalhava em um cemitério e era conhecido por todos ali. Ele tinha uma fisionomia de um defunto. Raimundo também era vagamundo e vivia deitado, visto isso as caveiras chamavam para fazer seu trabalho, pois estava chegando mais defunto. Um certo dia o coveiro adoeceu e logo faleceu, no cemitério se

enturmou, conhecendo uma caveira se apaixonou assim sendo recíproco, brevemente tiveram várias caveirinhas.

Era um coveiro com cara de defunto  
Raimundo, Raimundo, levanta vagabundo  
Raimundo, Raimundo, chegou mais um defunto

Até as caveiras já o conheciam  
Até as caveiras já diziam todo dia  
Raimundo, Raimundo, levanta vagabundo  
Raimundo, Raimundo, chegou mais um defunto

Mais um belo dia Raimundo adoeceu  
E de repente Raimundo morreu  
Raimundo, Raimundo, bem-vindo ao nosso mundo  
Raimundo, Raimundo, vem pra esse buraco fundo

E no cemitério Raimundo se enturmou  
Pela sua vizinha Raimundo se apaixonou  
Era uma caveira alta e desdentada  
Pelo tal Raimundo ficou louca apaixonada

Raimundo, Raimundo, teu olhar é tão profundo  
Raimundo, Raimundo, vem fundo, vagabundo  
E dona caveira, que era uma gracinha  
Com o tal Raimundo teve várias caveirinhas

Mamãe, Mamãe, eu quero mamadeira  
Mamãe, Mamãe, eu quero mamadeira  
Cala a Boca, não chateia, não tenho peito, sou  
[caveira

A construção humorística presente na canção se rodeia na questão fictícia dos fatos o Coveiro Raimundo que trabalha em um cemitério, em seguida morre e se apaixona por uma caveira e assim tem vários filhos, que finaliza chamado a mãe para se alimentar, torna a composição cômica. O filho, construção da família, representa o amor entre as caveiras, assim permanecendo juntos na eternidade.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto nas canções quanto na poesia o amor é retratado como o sentimento profundo da alma, englobando uma ardente felicidade, na qual está ao lado de quem se ama ultrapassa qualquer limite, nem que seja após a morte.

O amor é algo complexo, para abordar sobre ele há improbabilidade do próprio discurso, o signo fica sempre na trilha do objeto. Ele explora a alma, e faz com que as vísceras se torçam e fique tudo fora do lugar, o amor é carregado de crenças de cultura, uma delas é que para ser feliz precisa se casar, são ideias adotadas como únicas, conceitos esse adotados por indivíduos tradicionais.

Existem diferentes tipos de amor e existem várias maneiras de expressá-lo. Este tópico sempre foi considerado importante ao longo da história humana. Nos termos poéticos em língua portuguesa o amor está frequentemente ligado ao lindo. Geralmente está associado à eternidade. É como se as duas partes do hermafrodita finalmente se fundissem em um único, completo, mais forte e mais bonito. Isso é amor: um poder quase incontrolavelmente duas pessoas em busca da felicidade completa. Pode-se concluir que o amor é o tópico interessante para discussão filosófica. Finalmente fascinado pelo tema do amor. Tudo isso em busca da felicidade. Só o amor pode levar as pessoas à beleza, porque o amor existe, apesar de ser abstrato.

A musicalidade que caracteriza os textos poéticos é resultado da utilização de recursos presentes em todos os tempos, tais como a métrica, o ritmo, a rima, a alienação e a ressonância. É comum na poesia, texto escrito em versos com rimas que falam de amor, de saudade e outros sentimentos.

Espera-se que as reflexões tecidas contribuíssem para a melhor conceptualização do amor e sua representação nas artes, pois definir esse sentimento torna o jogo inacabado, todos sentem, mas ninguém conseguem defini-lo.

Considerando o contexto, a análise das letras das canções, todas apresenta o amor de forma dinâmica, foi utilizado o humor para representar o sentimento pela perspectiva do riso, o amor nada mais é do que a felicidade, amar é tão bom que os amantes não aceitam está amando em vida, o seu amor é eterno, nunca acaba.

Enfim, o amor é algo lindo, incomparável e sublime, seus vários significados torna as artes interessantes, seja ele platônico, idealizado ou fraternal, o desejo de todos é amar e ser amado, ele traz paz, felicidade, amônia, lealdade, ele é compaixão e empático. Amor seja qual for ele, sempre será eterno.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA; RANCHINHO; SALES, Chiquinho. **Romance de uma caveira**. Disponível em: <[www.letras.mus.br/alvarenga-ranchinho/412988](http://www.letras.mus.br/alvarenga-ranchinho/412988)>. Acesso: 31.jul.2019.

ASBURY, Kelly (Dir.). **Gnomeo & Juliet**. USA: Touchstone Pictures, 2011.

BARROS E SILVA, M. H. **A paixão silenciosa: uma leitura psicanalítica sobre as paixões amorosas**. São Paulo: Escuta, 2002.

CAMÕES, Luís de. **Lírica**. [Edição: Massaud Moisés]. São Paulo: Cultrix, 1984.

CARLEI, Carlo (Dir.). **Romeo & Juliet**. UK: Icon Productions/ Entertainment Pictures, 2013, 118 min.

CARVALHO, Paulo César. Os nomes do amor. **Discutindo língua portuguesa**, São Paulo, ano 1, n.º 1, p. 54-7, 2004.

CASTILHO, António Feliciano de. "O acalantar da neta". In: CORREIA, Ângela. **Compilação de poemas d'O panorama: jornal literário e instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis**. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007, p. 47-57.

ESPANCA, Florbela. **Poemas**. Edição: Maria Lúcia dal Farra São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GARCIA, Afrânio. Semântica histórica. **SOLETRAS**, São Gonçalo, ano 1, n.º 2, p.66-75, jul.-dez./2001

LUHRMANN, Baz (Dir.). **Romeo & Juliet**. USA: 20<sup>th</sup> Century Studios, 1996.

MOISES, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 3.ed. São Paulo: Cultrix.

MORAES, Vinícius de. **Obra poética**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1968.

NALD1NH0. **Coveiro Raimundo**. Disponível em: <[www.letras.mus.br/nald1nh0/1355320](http://www.letras.mus.br/nald1nh0/1355320)>. Acesso: 31,jul.2019.

OLIVEIRA, Rui de. **Domine a sua agressividade interior e liberte o seu genro para o sucesso**. Catanduva: Rêspel, 2005.

PEREZ, Tatiana Spalding. Amar amores: o poliamor na contemporaneidade. **Psicologia & Sociedade**, [on line], 30. p. 1-11, 2018.

PISAURO, Valeria. **Travessia poética**. Local: editora, 2010.

PESSOA, Fernando. "Antígona". In: LOPES, Teresa Rota. **Pessoa por conhecer: textos para um novo mapa**. Lisboa: Estampa, 1990.

ROSSI, Deise Mirian. **Amor na canção: uma leitura semiótico-psicanalítica**. São Paulo: ABDR, 2003.

RUCKERT, Ernesto von. Música e literatura. **Revista Gláuks**, Viçosa, ano 1, nº 2, jan-fev/1997, Disponível em: <[www.ruckert.pro.br/texts/musicaeliteratura.pdf](http://www.ruckert.pro.br/texts/musicaeliteratura.pdf)>. Acesso: 19.ago. 2019.

SOARES DE PASSOS, António Augusto. "Noivado do sepulcro". In MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 24ed. São Paulo: Cultrix, 1995, p. 250-2.

SALGADO JR., António (ed.). **Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX** Prefácio e Notas: João Gaspar Simões. Lisboa: Ática, 1947.

SCHPUN, Mônica Raisal. O amor na literatura: um exercício de compreensão histórica. **Cadernos Pagu**, Campinas, no. 8-9, p.177-209, 1997.

TERCEIRA CIVILIZAÇÃO. Idealização. **Terceira Civilização**, São Paulo, ano 38, n. 558, ago/2006, p. 40-43.

TRINDADE, Paula. **Os vários tipos de amor na literatura**. Campo literário, 2014.

WIKIPEDIA. Português. **Amor**. 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Amor>>. Acesso:

ZEFFIRELLI, Franco (Dir.). **Romeo & Juliet**. USA: Paramount Pictures, 1968, 138 min.

ANÔNIMO. Coveiro Raimundo. <<https://www.youtube.com/watch?v=wotA7sg27Uo>>. Acesso: 1.Ago.2022.